



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS MÉDICAS E DA VIDA  
CURSO DE MEDICINA**

**PREVALÊNCIA DA ESOFAGITE EROSIVA ANTES E APÓS A PANDEMIA  
DA COVID-19 - REVISÃO DE LITERATURA**

**VÍTOR SCHROEDER BRANQUINHO REIS  
GABRIEL FERREIRA DAHER**

Orientadora: Profa. Me. Luciana Morelli Caldeira

**GOIÂNIA  
2022**

**VÍTOR SCHROEDER BRANQUINHO REIS  
GABRIEL FERREIRA DAHER**

**PREVALÊNCIA DA ESOFAGITE EROSIVA ANTES E APÓS A PANDEMIA  
DA COVID-19 - REVISÃO DE LITERATURA**

**GOIÂNIA  
2022**

## 1. RESUMO

A pandemia da covid 19 trouxe várias mudanças para a vida das pessoas no mundo inteiro. Estas mudanças apresentaram relação direta com o aumento da obesidade e de condições ligadas à saúde mental, como a ansiedade, depressão, síndrome do pânico, entre outras, que por sua vez, impulsionadas pelo medo de contrair a doença e da morte, estiveram relacionadas a ocorrência de outras doenças, a exemplo das do trato gastrointestinal, como a esofagite erosiva, por exemplo.

Essa esofagite é uma condição que pode ser visualizada por meio de alterações endoscópicas e histopatológicas presentes em indivíduos com Doença do Refluxo Gastroesofágico (DRGE), e pode ser classificada de acordo com alguns aspectos da lesão, a exemplo de número de erosões e extensão delas. A persistência desta condição pode causar o aparecimento de úlceras esofágicas, sangramento, estenose esofágica e esôfago de Barret.

O presente artigo teve o objetivo de comparar a prevalência de esofagite erosiva e seu comportamento nos anos anteriores e posteriores à pandemia, e correlacionar o diagnóstico desta enfermidade com sexo e idade. Foi realizado um estudo descritivo, do tipo revisão bibliográfica. Realizou-se seleção de artigos científicos nas bases de dados da MEDLINE via Publicações Médicas (PubMed) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a partir dos descritores do Medical Subject Headings (MeSH), representados por “esophagitis”, “reflux esophagitis”, “erosive” e “covid 19”.

Os artigos incluídos foram publicados no período de 2016 a 2023, com textos completos, nas línguas inglesa, portuguesa e espanhola, com pesquisa em humanos, seguindo o tema da busca. Foram excluídos artigos que não tratavam da esofagite do tipo erosiva e que não utilizaram a classificação de Los Angeles (1999) no estudo. Além disso, retiraram-se editoriais, artigos duplicados, cartas ao editor, pesquisas qualitativas e fora da temática. Foram coletados dados dos artigos entre os anos de 2016 e 2023, referentes a prevalência de esofagite erosiva, bem como seu comportamento nos anos anteriores à pandemia e após o início desta até o ano de 2023, constando sexo, idade e gravidade das lesões segundo a classificação de Los Angeles de 1999 presentes nos estudos.

Foi observado um aumento no número de casos de esofagite erosiva, que passou a ser observado a partir de 1995, mas que pode ter se intensificado após o ano de 2020. Isso se dá em função das alterações que a pandemia da covid 19 trouxe aos hábitos de

vida das pessoas. Estudos apontam que alguns dos fatores de risco para essa afecção se intensificaram nesse período, como obesidade, estresse, tabagismo, consumo de álcool e má alimentação, por exemplo.

O presente estudo apresenta dados de aumento da esofagite erosiva nos últimos 7 anos, associado à obesidade, consumo de álcool, tabagismo, sendo mais comum no sexo masculino, e afetando indivíduos com idade entre 40 a 59 anos. Esses fatores de risco para esofagite erosiva estiveram ostensivamente presentes no período da pandemia da covid 19, e é possível que tenham contribuído para o aumento da incidência dessa enfermidade do sistema digestório. Sugerimos que mais estudos sejam realizados para alertar a população em geral sobre prevenção, o que pode melhorar em muito a qualidade de vida desses pacientes.

## **2. ABSTRACT**

The COVID-19 pandemic brought several changes to people's lives worldwide. These changes were directly related to an increase in obesity and mental health conditions such as anxiety, depression, panic disorder, among others. These conditions, driven by the fear of contracting the disease and death, were associated with the occurrence of other diseases, including gastrointestinal disorders such as erosive esophagitis.

Erosive esophagitis is a condition that can be visualized through endoscopic and histopathological alterations in individuals with Gastroesophageal Reflux Disease (GERD). It can be classified based on aspects of the lesion, such as the number and extent of erosions. Persistent erosive esophagitis can lead to the development of esophageal ulcers, bleeding, esophageal stricture, and Barrett's esophagus.

This article aimed to compare the prevalence of erosive esophagitis and its behavior in the years before and after the pandemic and correlate the diagnosis of this condition with gender and age. A descriptive study in the form of a literature review was conducted. Scientific articles were selected from the MEDLINE database via PubMed and the Virtual Health Library (BVS), using Medical Subject Headings (MeSH) descriptors, represented by "esophagitis," "reflux esophagitis," "erosive," and "COVID-19."

The included articles were published from 2016 to 2023, in English, Portuguese, and Spanish, focusing on human research related to the theme. Articles that did not address erosive esophagitis or did not use the Los Angeles classification (1999) in the

study were excluded. Editorials, duplicate articles, editor's letters, qualitative research, and those unrelated to the topic were also removed. Data from articles between 2016 and 2023 were collected regarding the prevalence of erosive esophagitis and its behavior before and after the pandemic up to 2023, including gender, age, and the severity of lesions according to the Los Angeles classification of 1999 in the studies.

An increase in the number of cases of erosive esophagitis was observed, which began to be noticed from 1995 but may have intensified after 2020. This is due to the changes that the COVID-19 pandemic brought to people's lifestyles. Studies indicate that some risk factors for this condition intensified during this period, such as obesity, stress, smoking, alcohol consumption, and poor diet.

This study presents data on the increase in erosive esophagitis over the past 7 years, associated with obesity, alcohol consumption, and smoking, being more common in males and affecting individuals aged 40 to 59 years. These risk factors for erosive esophagitis were significantly present during the COVID-19 pandemic, and they may have contributed to the increased incidence of this digestive system disorder. We suggest that further studies be conducted to raise awareness among the general population about prevention, which can significantly improve the quality of life for these patients.

### **3. INTRODUÇÃO**

A pandemia da covid 19 trouxe várias mudanças para a vida das pessoas no mundo inteiro. A partir dos decretos de lockdown, pôde-se observar alterações nos hábitos alimentares (aumento do consumo de hipercalórico e ultraprocessados), redução das práticas esportivas e de atividade física diária, aumento do tempo em frente à televisão e telas em geral e aumento do consumo de álcool e de tabaco (1). Estas mudanças apresentaram relação direta com o aumento da obesidade e de condições ligadas à saúde mental, como ansiedade, depressão, síndrome do pânico, entre outras, que por sua vez, impulsionadas pelo medo de contrair a doença e da morte estiveram relacionadas a ocorrência de outras doenças, como as do trato gastrointestinal. (2, 3, 4, 5, 6, 7).

Dentre essas doenças, cabe destacar a doença do refluxo gastroesofágico, cuja incidência no Brasil é de 12%. Tal doença pode ser causada por vários fatores, como obesidade, alcoolismo e ansiedade, hábitos alimentares, uso de medicamentos, podendo acarretar diversas complicações, sendo a esofagite erosiva, a mais comum, causada pelo refluxo do conteúdo ácido do estômago para o esôfago. A persistência desta condição de

refluxo ácido pode causar ainda o aparecimento de úlceras esofágicas, sangramento, estenose esofágica e metaplasia intestinal completa da mucosa esofágica distal denominada esôfago de Barret, considerada lesão pré-maligna (7, 8, 9, 10).

A esofagite erosiva está fortemente ligada a fatores como obesidade e síndrome metabólica, e sua prevalência tem aumentado consideravelmente nos países ocidentais a partir da década de 1970 (8).

Todavia, estudos recentes realizados durante a pandemia indicaram uma preocupante modificação dos hábitos alimentares da população, sendo possível observar, por exemplo, um crescimento no volume de compras de alimentos industrializados e de alta densidade energética, juntamente com dados de outros estudos que indicavam um aumento no consumo de álcool e tabaco durante a quarentena (1), o que poderia ter provocado um aumento do número de novos casos de esofagite erosiva, assim como a piora no seguimento e na qualidade do tratamento de indivíduos já portadores da doença (12).

Além disso, nota-se que houve um aumento do consumo de medicamentos durante a pandemia de covid 19, destacando-se, nessa questão, o kit covid. Esse kit combinava medicamentos como hidroxicloroquina ou cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D. Esse aumento da automedicação, ilustrado pela elevação das vendas de ivermectina - de R\$44 milhões, em 2019 para R\$409 milhões, em 2020 - pode estar associada ao possível incremento nos casos de esofagite erosiva no período pandêmico (11).

A esofagite erosiva é uma condição que pode ser visualizada por meio de alterações endoscópicas e histopatológicas presentes em indivíduos com Doença do Refluxo Gastroesofágico (DRGE). Mesmo tendo um baixo índice de mortalidade (cerca de 0,1 em 100.000), os sintomas de desconforto digestivo, pirose, odinofagia e ou disfagia, além das complicações citadas anteriormente, tendem a impactar negativamente a qualidade de vida dos pacientes acometidos (12).

Quanto ao método de diagnóstico da esofagite de refluxo, a endoscopia digestiva alta é considerada o principal método de escolha, pois permite não apenas diagnosticar a esofagite erosiva, mas também avaliar a extensão da região acometida pela doença, a gravidade da lesão, realizar biópsias caso seja necessário e ainda avaliar a resposta ao tratamento oferecido (12)

A esofagite erosiva pode ser classificada de acordo com alguns aspectos da lesão, a exemplo de número de erosões e extensão delas. Cada classificação pode envolver

diferentes critérios, sendo as classificações de Savary-Miller modificada (1989) e de Los Angeles (Organização Mundial de Gastroenterologia, 1999) as mais utilizadas. A primeira usa como base da lesão primária a extensão da erosão mucosa, e é dividida em graus que variam de 1 a 5, incluindo úlceras, estenose e esôfago de Barret. A segunda gradua a esofagite de acordo com o tamanho das erosões em milímetros e sua extensão circunferencial, mas não inclui suas complicações (que devem ser classificadas à parte), e é dividida em 4 graus que variam de A a D. Os critérios usados para sua determinação são a “quebra de mucosa” - expressão usada para substituir os termos erosão/ulceração rasa - e sua extensão radial (12).

O tratamento farmacológico é considerado o "padrão ouro" para a esofagite erosiva, mas é imprescindível que ocorram mudanças no estilo de vida, incluindo mudanças na dieta, que são um importante elemento de apoio ao tratamento da doença (13). Sabe-se que o tratamento ideal da esofagite de refluxo é o comportamental associado ao medicamentoso. O comportamental envolve mudanças nos hábitos de vida, alterações na dieta, prática de atividade física, entre outros, e o medicamentoso é por meio do uso de inibidores da bomba de prótons (IBP). Outra opção de tratamento em casos menos graves é o tratamento endoscópico. E em pacientes dependentes de IBP, com sintomas refratários, após longo período de tratamento (acima de seis meses) sem resultados duradouros, pode ser indicado tratamento cirúrgico com funduplicatura videolaparoscópica (12).

O presente estudo justifica-se pela influência da doença do refluxo e suas consequências na qualidade de vida da população, tendo conhecimento de que nos últimos anos, desde o anúncio pela Organização Mundial da Saúde sobre a pandemia de Covid-19 e com o decreto de Lockdown por várias cidades brasileiras, pode-se afirmar que houve uma grande alteração na rotina e estilo de vida das pessoas, além do grande impacto emocional nesse período. Sabe-se que a esofagite erosiva tem sua etiologia influenciada por hábitos de vida, hábitos alimentares e fatores emocionais e, por esses motivos, o presente estudo mostra-se relevante, pois propõe-se a verificar se, de fato, as mudanças provocadas durante a pandemia afetaram, também, a prevalência ou mudaram o perfil desta enfermidade na população.

Os objetivos deste estudo foram: comparar a prevalência de esofagite erosiva, bem como seu comportamento nos anos anteriores à pandemia e após o início desta através de um levantamento da literatura dos últimos sete anos, além de correlacionar o diagnóstico

desta enfermidade com sexo e idade e de descrever a gravidade da mesma segundo a classificação endoscópica de Los Angeles.

#### **4. METODOLOGIA**

Foi realizado um estudo descritivo, do tipo revisão bibliográfica, no qual é feito o registro, a análise e a interpretação dos dados coletados dos trabalhos publicados. Realizou-se seleção de artigos científicos nas bases de dados da MEDLINE via Publicações Médicas (PubMed) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a partir dos descritores do Medical Subject Headings (MeSH), representados por “esophagitis”, “reflux esophagitis” “erosive” "covid 19".

Os artigos foram selecionados através de um fluxograma baseado no protocolo PRISMA (do inglês, *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), incluindo artigos publicados no período de 2016 a 2023, com textos completos, nas línguas inglês, português e espanhol, com pesquisa em humanos, seguindo o tema da busca. Foram excluídos artigos que não tratavam da esofagite do tipo erosiva e que não utilizaram a classificação de Los Angeles (1999) no estudo. Além disso, retiraram-se editoriais, artigos duplicados, cartas ao editor, pesquisas qualitativas e fora da temática.

Foram coletados dados dos artigos entre os anos de 2016 e 2023, referentes a prevalência de esofagite erosiva, bem como seu comportamento nos anos anteriores à pandemia e após o início desta até o ano de 2023, constando sexo, idade e gravidade das lesões segundo a classificação de Los Angeles de 1999 presentes nos estudos.

#### **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados foram obtidos por meio de busca e seleção de artigos, utilizando as bases de dados do PUBMED, Scielo e da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Foram aplicados os termos MESH “ESOPHAGITIS”, “REFLUX ESOPHAGITIS”, “EROSIVE” e “COVID-19”, totalizando 89 artigos, sendo que, dessa totalidade, por meio de análises referentes ao tema proposto, foram excluídos 77 artigos, que não se adequaram à proposta. Sendo assim, do total de 89 artigos, 12 foram selecionados para a composição do trabalho.



Em relação aos artigos incluídos, organizou-se seguindo o ano de publicação, desde o ano de 2016 até o ano de 2023, contemplando o período da pandemia da COVID-19 e o recente período pós-pandemia. No ano de 2016 foi selecionado 1 artigo, no ano de 2018 foram incluídos 3 artigos, no ano de 2021 foram selecionados 2 artigos, no ano de 2022, 3 artigos foram incluídos no trabalho e no ano de 2023 foram selecionados 3 artigos, como mostra a tabela 1.

Tabela 1

<b>Ano de publicação</b>	<b>Número de artigos incluídos</b>
2016	1
2017	-
2018	03
2019	-
2020	-
2021	02
2022	03
2023	03
<b>Total</b>	<b>12</b>

A seguinte tabela divide os artigos selecionados na confecção do presente trabalho de acordo com o ano de publicação, o autor, o título de cada trabalho e o principal foco de cada artigo, como mostra a tabela 2.

Tabela 2

<b>Ano</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo</b>
2016	CORRÊA, P. C. R. P.	An old risk factor for COPD: rest in peace, 15	Hábitos de vida e tabagismo

2018	RICHTER, J. E.; RUBENSTEIN, J. H.	Presentation and Epidemiology of Gastroesophageal Reflux Disease	Fatores associados à EE (idade, peso, tabagismo e alcoolismo)
2018	LIM, K. G.; MORGENTHALER, T. I.; KATZKA, D. A	Sleep and Nocturnal Gastroesophageal Reflux	Relação entre EE e distúrbios do sono
2018	MOCHIZUKI, N. et al.	Factors associated with the presentation of erosive esophagitis symptoms in health checkup subjects: A prospective, multicenter cohort study	Relação entre EE e idade, sexo, IMC, tabagismo, consumo de álcool, estresse, presença de condições médicas como hérnia de hiato e mucosa de Barrett
2021	FASS, R. et al.	Gastro-oesophageal reflux disease.	Aumento da prevalência global da EE
2021	MALTA, D. C. et al.	Fatores associados ao aumento do consumo de cigarros durante a pandemia da COVID-19 na população brasileira.	Hábitos de vida e tabagismo durante a pandemia
2022	ASHKTORAB, H. et al.	Clinical and Endoscopic Outcomes in COVID-19 Patients With Gastrointestinal Bleeding	Relação entre EE, COVID-19 e hábitos de vida
2022	BRANDÃO, J. T. S. et al.	Analysis of the association between exercise induced bronchospasm, cardiorespiratory fitness, and physical activity levels of adolescents	Relação entre EE, sexo, IMC elevado, consumo de álcool e presença de hérnia de hiato
2022	IWAKIRI, K. et al.	Evidence-based clinical practice guidelines for gastroesophageal reflux disease 2021	Aumento da prevalência de EE
2023	WANG, X. et al.	Elucidating the Link: Chronic Obstructive Pulmonary Disease and the Complex Interplay of Gastroesophageal Reflux Disease and Reflux-Related Complications	Relação entre EE, tabagismo e DPOC
2023	CHEN, Y. et al.	Differences in Dietary and Lifestyle Triggers between Non-Erosive Reflux Disease and Reflux Esophagitis-A	Relação entre EE e hábitos de vida

		Multicenter Cross-Sectional Survey in China	
2023	AZER, S. A.; REDDIVARI, A. K. R.	Reflux Esophagitis	Refluxo gastroesofágico

Segundo Richter e Rubenstein (2018) (14), já havia indicativos de que a idade avançada estava associada a um maior risco de complicações da DRGE, incluindo a esofagite erosiva. Além da idade, alguns dos fatores mais prevalentes e mais utilizados como exemplos para explicar o aumento dos casos de DRGE ao longo do tempo foram: aumento da taxa de obesidade na população, aumento do tabagismo e consumo de álcool. Durante a pandemia da Covid-19, foi observado e veiculado pelos meios de comunicação, que houve uma elevação do consumo de álcool e tabaco, além da ingestão mais frequente de alimentos hipercalóricos e hiperlipídicos, originando o termo “pandemia dentro da pandemia”, que se refere ao crescimento do número de pessoas obesas na população geral nesse período.

Outros estudos publicados posteriormente por Lim e Morgenthaler (2018) (15) ressaltaram, também, a existência de uma relação causal entre o refluxo gastroesofágico e os distúrbios do sono, mas até o momento do estudo essa associação ainda não estava completamente compreendida.

De acordo com Dantas e Aben-Atar (2002) (16), o sono provoca a diminuição da atividade do aparelho digestório e a função motora gástrica diminui durante esse período, o que pode ser consequência do ritmo circadiano. Outro aspecto relatado pelos mesmos autores é que as apresentações mais graves da esofagite erosiva parecem estar relacionadas a episódios recorrentes de refluxo durante o decúbito e o sono. Nesse período, o esôfago demora a perceber a presença do refluxo ácido e, quase sempre, a resposta ao mesmo é precedida pelo despertar. Podemos inferir que o refluxo ácido e suas consequências quando presentes durante o sono podem acarretar uma disfunção do ciclo sono-vigília.

Estudos epidemiológicos indicaram que quanto à distribuição da idade e sexo para os pacientes portadores de esofagite erosiva, houve uma prevalência maior de diagnósticos de esofagite erosiva em homens em relação a mulheres em todas as faixas etárias. Essa diferença, no entanto, não era tão evidente na população idosa, de acordo

com Mochizuki e Fujita (2018) (17). O mesmo estudo ainda avaliou outros fatores de importância epidemiológica quanto à presença de esofagite erosiva na população e, dentre esses fatores, foram citados a idade (especialmente entre 40-59 anos e acima de 60 anos), sexo masculino, índice de massa corporal (IMC) acima de 25 kg/m<sup>2</sup>, tabagismo atual, consumo de álcool acima de 20 g/dia, altos níveis de estresse, presença de hérnia de hiato, mucosa de Barrett endoscópica  $\geq 10$  mm e gastrite atrófica. Quanto ao uso de alguns medicamentos, o estudo ressaltou que o uso de aspirina em baixas doses foi associado a um menor risco de EE. Já era conhecida a associação entre o uso de antibióticos, antiinflamatórios, corticosteróides, bem como o uso excessivo outras classes de medicamentos, e a ocorrência de sintomas dispépticos, gastrite, erosões e úlceras esofágicas, gástricas e duodenais. No entanto, na pandemia da covid-19, observou-se o uso desmedido de nutrientes, vitaminas e medicamentos, muitas vezes por conta do próprio paciente, sem indicação ou comprovação de seus benefícios para a doença em questão. Este é um outro componente que pode ter contribuído para o aumento da prevalência da esofagite erosiva na população.

Uma análise estratificada por gênero no estudo de Mochizuki e Fujita (2018) (17) mostrou que a relação entre idade e esofagite erosiva era mais forte nas mulheres, com o risco aumentando com a idade. Nos homens, essa relação não foi tão evidente, embora o grupo de 40 a 59 anos tivesse um risco maior em comparação ao grupo mais jovem.

Em artigos publicados em 2021, já era evidenciado que a prevalência global da Doença de Refluxo Gastroesofágico (DRGE) em adultos era alta e estava em aumento. No artigo de Fass e Boeckxstaens (2021) (18), por exemplo, é relatado um estudo de meta-análise com 102 estudos populacionais, que indicou que os sintomas da DRGE (azia e/ou regurgitação de qualquer gravidade) eram comuns em todo o mundo, variando significativamente por região geográfica. A prevalência mais alta de sintomas de DRGE foi observada em um estudo na América Central (19,6%), enquanto a mais baixa foi na Ásia (10,0%). A prevalência da DRGE parece estar aumentando, sendo de 45-51% maior em estudos realizados após 1995 em comparação com antes de 1995. Dentro do período proposto pelo presente estudo, nos estudos mais recentes, não foram encontrados dados percentuais sobre o aumento tanto da DRGE, quanto da esofagite erosiva.

Um estudo de Ashktorab e Russo (2022) (19) apontou a presença de manifestações gastrointestinais, a exemplo de náuseas e sangramentos, entre os sintomas da covid 19,

sendo este último identificado em até 12% dos pacientes afetados pelo vírus. Além disso, tal estudo aponta que procedimentos médicos, como por exemplo endoscopias para pacientes com sangramento gastrointestinal, foram adiados ou cancelados. É possível, então, que nesse período o número de casos de esofagite erosiva tenha aumentado não apenas em decorrência da Covid-19 e das mudanças nos hábitos de vida trazidas pela pandemia no período, mas também pela não realização dos procedimentos citados anteriormente. Tais procedimentos são usados tanto no diagnóstico como no tratamento precoce da esofagite erosiva.

Estudo publicado por Brandão e Nelo (2022) (20) relacionou a maior prevalência da esofagite erosiva ao sexo masculino, IMC elevado, consumo de álcool e presença de hérnia hiatal. O estudo apontou que alterações na alimentação e nos hábitos de vida se encontram entre as principais formas de tratamento dessa afecção. É possível que o aumento do consumo de álcool e dos índices de obesidade; mudanças essas trazidas em função das alterações nos hábitos de vida durante o período da pandemia, tenham ocasionado um aumento no número de ocorrências de esofagite erosiva.

Um outro artigo também publicado por Iwakiri e Fujiwara (2022) (21) indicou um aumento na prevalência da DRGE a partir da década de 1990, principalmente em função de mudanças no estilo vida, e apontou que cerca de 10% da população adultos é acometida pela esofagite erosiva. Nesse artigo não foi feita uma correlação entre o aumento dos casos de esofagite erosiva com o período da pandemia.

Estudo publicado por Chen e Sun (2023) (22) analisou 396 pacientes com DRGE. Dentre eles, 48,7% apresentavam esofagite erosiva. O artigo apontou que a maioria dos pacientes com esofagite erosiva eram do sexo masculino. Além disso, fatores como má alimentação, tabagismo e consumo excessivo de álcool foram relacionados à maior prevalência da doença.

Estudo feito por Wang e Wright (2023) (23) correlacionou a prevalência da esofagite erosiva ao tabagismo e à DPOC. O artigo apontou um maior risco de esofagite erosiva em pacientes com DPOC em relação aos pacientes sem DPOC (101,7 com esofagite erosiva a cada 10000 pacientes com DPOC vs 53,6 com esofagite erosiva a cada 10000 pacientes sem DPOC). É sabido que existe uma forte relação entre o tabagismo e o desenvolvimento de DPOC. Segundo Corrêa (2016) (24) cerca de 15% das pessoas que

fumam desenvolvem DPOC. Sabe-se, também, que houve aumento do consumo de tabaco durante o período da pandemia. De acordo com Malta e Gomes (2021) (25) a prevalência de fumantes no país nesse período foi de 12%, dentre os quais 34% relataram aumento do consumo de cigarro. É possível que essa alteração, somada às demais mudanças no estilo de vida da população, e à diminuição da realização de procedimentos endoscópicos nesse período, tenha resultado em um aumento no número de casos de esofagite erosiva.

## **6. CONCLUSÃO**

O presente estudo procurou buscar dados que justificassem o aumento da prevalência de achados endoscópicos de esofagite erosiva nos anos que se seguiram ao início da pandemia da Covid -19. Este fato tem sido observado por muitos endoscopistas em exames rotineiros em pacientes com queixas dispépticas, mas não foram encontrados estudos que comprovaram esse aumento numericamente, talvez pelo curto período em que a infecção pelo SARS-Cov-2 deixou de ser a principal preocupação mundial, apesar de todos os fatores predisponentes à esofagite erosiva terem apresentado grande aumento de ocorrência durante a pandemia.

Deixamos, através deste estudo, a sugestão para que estudos de campo, com uma casuística expressiva, possam ser realizados num futuro próximo, destacando à comunidade científica a importância da orientação global aos pacientes sobre o uso de medicamentos, hábitos de vida saudáveis e nocivos à saúde, bem como práticas benéficas para uma vida longa.

## 7. REFERÊNCIAS

1. MALTA, D. C. et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, 2020.
2. MENDONÇA, C. P.; ANJOS, L. A. DOS. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 3, p. 698–709, jun. 2004.
3. COSTA, R. A.; SOARES, H. L. R.; TEIXEIRA, J. A. C. Benefícios da atividade física e do exercício físico na depressão. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**, v. 19, n. 1, p. 273–274, 2007.
4. MARIA CUNHA DA CRUZ, L. et al. Prática de exercício físico, ingestão alimentar e estado de ansiedade/estresse de participantes do projeto MOVIP em meio à pandemia de COVID-19. **HU Revista**, v. 47, p. 1–6, 28 abr. 2021.
5. ARAÚJO, S. R. C. DE; MELLO, M. T. DE; LEITE, J. R. Transtornos de ansiedade e exercício físico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 29, n. 2, p. 164–171, 27 nov. 2006.
6. PITANGA, F. J. G.; BECK, C. C.; PITANGA, C. P. S. Inatividade física, obesidade e COVID-19: perspectivas entre múltiplas pandemias. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 25, p. 1–4, 14 set. 2020.
7. BICCAS, B. N. et al. Maior prevalência de obesidade na doença do refluxo gastroesofágico erosiva. **Arquivos de Gastroenterologia**, v. 46, n. 1, p. 15–19, mar. 2009.
8. BORTOLI, V. F. et al. Doença do refluxo gastroesofágico - uma revisão da literatura/ Gastroesophageal reflux disease - a review of the literature. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 14245–14253, 29 jun. 2021.
9. GROSSI, L.; CICCAGLIONE, A. F.; MARZIO, L. Esophagitis and its causes: Who is “guilty” when acid is found “not guilty”? **World Journal of Gastroenterology**, v. 23, n. 17, p. 3011, 2017.
10. MARIA CUNHA DA CRUZ, L. et al. Prática de exercício físico, ingestão alimentar e estado de ansiedade/estresse de participantes do projeto MOVIP em meio à pandemia de COVID-19. **HU Revista**, v. 47, p. 1–6, 28 abr. 2021.
11. MELO, J. R. R. et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 4, 2021.
12. Endoscopia Digestiva Diagnóstica e Terapêutica. Revinter, 2005. 716 p
13. TARASZEWSKA, A. Risk factors for gastroesophageal reflux disease symptoms related to lifestyle and diet. **Roczniki Państwowego Zakładu Higieny**, 2021.

14. RICHTER, J. E.; RUBENSTEIN, J. H. Presentation and Epidemiology of Gastroesophageal Reflux Disease. **Gastroenterology**, v. 154, n. 2, p. 267–276, jan. 2018.
15. LIM, K. G.; MORGENTHALER, T. I.; KATZKA, D. A. Sleep and Nocturnal Gastroesophageal Reflux. **Chest**, v. 154, n. 4, p. 963–971, out. 2018.
16. OLIVEIRA, R. **ASPECTOS DOS EFEITOS DO SONO NO APARELHO DIGESTÓRIO** Arq Gastroenterol V. [s.l: s.n.].
17. MOCHIZUKI, N. et al. Factors associated with the presentation of erosive esophagitis symptoms in health checkup subjects: A prospective, multicenter cohort study. **PLOS ONE**, v. 13, n. 5, p. e0196848, 3 maio 2018.
18. FASS, R. et al. Gastro-oesophageal reflux disease. **Nature Reviews Disease Primers**, v. 7, n. 1, p. 55, 29 jul. 2021.
19. ASHKTORAB, H. et al. Clinical and Endoscopic Outcomes in COVID-19 Patients With Gastrointestinal Bleeding. **Gastro Hep Advances**, v. 1, n. 4, p. 487–499, 2022.
20. BRANDÃO, J. T. S. et al. Analysis of the association between exercise induced bronchospasm, cardiorespiratory fitness, and physical activity levels of adolescents. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 103–110, jan. 2022.
21. IWAKIRI, K. et al. Evidence-based clinical practice guidelines for gastroesophageal reflux disease 2021. **Journal of Gastroenterology**, v. 57, n. 4, p. 267–285, 28 abr. 2022.
22. CHEN, Y. et al. Differences in Dietary and Lifestyle Triggers between Non-Erosive Reflux Disease and Reflux Esophagitis—A Multicenter Cross-Sectional Survey in China. **Nutrients**, v. 15, n. 15, p. 3400, 31 jul. 2023.
23. WANG, X. et al. Elucidating the Link: Chronic Obstructive Pulmonary Disease and the Complex Interplay of Gastroesophageal Reflux Disease and Reflux-Related Complications. **Medicina**, v. 59, n. 7, p. 1270, 8 jul. 2023.
24. CORRÊA, P. C. R. P. An old risk factor for COPD: rest in peace, 15%. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 42, n. 3, p. 233–234, jun. 2016.
25. MALTA, D. C. et al. Fatores associados ao aumento do consumo de cigarros durante a pandemia da COVID-19 na população brasileira. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 3, 2021.





